



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

NEZI CONAUN FLÁVIO ENHAPAM

**RITOS DA INICIAÇÃO FEMININA (FANADU DI MINDJER) DO POVO
BIJAGÓ NA GUINÉ-BISSAU: ENSINO E TRANSMISSÃO
DE VALORES SOCIAIS E CULTURAIS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

NEZI CONAUI FLÁVIO ENHAPAM

**RITOS DA INICIAÇÃO FEMININA (FANADU DI MINDJER) DO POVO
BIJAGÓ NA GUINÉ-BISSAU: ENSINO E TRANSMISSÃO
DE VALORES SOCIAIS E CULTURAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

NEZI CONAUIIN FLÁVIO ENHAPAM

**RITOS DA INICIAÇÃO FEMININA (FANADU DI MINDJER) DO POVO
BIJAGÓ NA GUINÉ-BISSAU: ENSINO E TRANSMISSÃO
DE VALORES SOCIAIS E CULTURAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação – Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades – do Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês, da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 07/07/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Gomes de Souza (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

Prof.^a Dr.^a Maria Andrea dos Santos Soares (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMA DA PESQUISA	6
3	OBJETIVOS	6
3.1	GERAL	6
3.2	ESPECÍFICOS	6
4	JUSTIFICATIVA	7
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
5.1	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE RITOS DE PASSAGEM	8
5.2	<i>FANADU DI MINDJER</i> /INICIAÇÃO FEMININA NA ETNIA BIJAGÓ	9
5.3	O <i>FANADU</i> E <i>FANADU DI MINDJER</i> : PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES	12
6	METODOLOGIA	15
7	CRONOGRAMA	17
	REFERÊNCIAS	18
	APÊNDICE	19

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa sob o tema ritos da iniciação feminina (*fanadu di mindjer*¹) do povo Bijagó na Guiné-Bissau, tem como propósito compreender os valores sociais, morais e culturais passados na cerimônia de *fanadu* do povo Bijagó na ilha de Uno. Para esse povo o *fanadu* é um ritual que representa a passagem de uma fase para outra, de uma condição social para outra. Vale ressaltar que essa cerimônia acontece num intervalo de 10 em 10 anos, justamente entre os meses de junho, julho e agosto de cada ano. Perante a cerimônia a maioria dos/as filhos/as dessa ilha, sobretudo aqueles/as que estão espalhados/as em diferentes lugares do país costumam se reunir para ensinar a tradição às meninas e aos meninos que estão no processo do *fanadu*, ou seja para ensinar a se comportar na sociedade.

De um lado, para essa etnia a cerimônia apresenta valores sociais, culturais e morais e usam essa prática para educação dos filhos e filhas, ou seja, para os mais novos. Por outro lado, existem diferenças no processo e nas etapas que caracterizam o ritual entre as meninas e meninos, assim como entre as pessoas iniciadas e não iniciadas. Nesta pesquisa o interesse é olhar para o processo que caracteriza o ritual do *fanadu* feminino, conforme dito acima. Neste sentido, para os bijagós, as pessoas que participaram do *fanadu* são consideradas as mais respeitadas pela sociedade. Até suas formas de cumprimentar as pessoas refletem na educação aprendida através do ritual, isto é, demonstra a diferença entre aquela que foi e a que não foi ao *fanadu*. Além disso, também existem espaços em que as pessoas iniciadas podem entrar e as que não foram não podem ter acesso, porque são lugares considerados sagrados.

Essa população estruturada por diferentes faixas etárias, desde nascença até a fase adulta, no caso de *fanadu di mindjer* dos Bijagós de Uno, segundo essa etnia, não há idade determinada para participar da cerimônia, é realizada para todas as idades, desde crianças, adolescentes, jovens e adultos. Como dito, a pesquisa será realizada na região de Bolama-Bijagós, concretamente no sector de Uno. Bolama-Bijagós é uma região da Guiné-Bissau que corresponde ao Arquipélago dos Bijagós, tem uma população aproximadamente 32.500 habitantes, dos quais cerca de 90% pertence à etnia Bijagó, sua capital é cidade de Bolama (IBAP, 2018). De acordo com Bacurim (2018), este arquipélago tem superfície de 1.625 km², e é composta por 88 (oitenta e oito) ilhas das quais apenas 21 (vinte e um) são habitadas.

¹ No decorrer do deste texto vão encontrar algumas palavras em **negrito** que correspondem às palavras grafadas na língua da etnia Bijagó e outras que estão em *italico* são palavras grafadas a língua crioulo da Guiné-Bissau.

“A região de Bolama-Bijagós encontra-se dividida em quatro sectores, sendo estes: Bolama, Bubaque, Caravela e Uno. Em cada sector encontra-se um administrador de sector e um governador para toda a região” (BACURIM, 2018, p.6).

Por fim, a pesquisa será desenvolvida levando em conta os relatos colhidos através das entrevistas semi-estruturadas a serem realizadas com mulheres Bijagós de Uno, residentes ou não, de diferentes faixa etária, que foram ou não ao fanadu, bem como a minha própria experiência como uma jovem Bijagó que passou pelo ritual de fanadu.

2 PROBLEMA DA PESQUISA

Quais os valores sociais, morais e culturais ensinados na cerimônia de rito de iniciação feminina (*fanadu di mindjer*)² para a sociedade Bijagó.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Compreender a importância da cerimônia do rito de iniciação feminina (*fanadu di mindjer*) no ensino e transmissão dos valores sociais, morais e culturais da sociedade Bijagó.

3.2 ESPECÍFICOS

- a) Identificar os principais processos que caracterizam a cerimônia do ritual de iniciação do *fanadu* feminino do povo Bijagó;
- b) Demonstrar a importância que a cerimônia (*fanadu di mindjer*) tem para povo Bijagó;
- c) Analisar os impactos de proibição de *fanadu* em algumas etnias na Guiné-Bissau.

²*Fanadu di mindjer* é termo usado na língua crioulo da Guiné-Bissau, que refere se a cerimônia feminina ou a iniciação feminina. O *fanadu* também é usado para referir-se a circuncisão masculina, assim como iniciação masculina.

4 JUSTIFICATIVA

O interesse para realizar este trabalho de pesquisa sobre rito da iniciação feminina (*fanadu di mindjer*) do povo Bijagó surgiu inicialmente com base na leitura de alguns trabalhos acadêmicos da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) sobre *fanadu* na Guiné-Bissau.

Durante esse processo de leituras não consegui encontrar os trabalhos relacionados ao *fanadu* feminina do povo Bijagó, mas encontrei de outros povos e acabei percebendo que esses trabalhos sobre o *fanadu* estavam mais relacionados à *fanadu* “corte genital”. Ao contrário, o *fanadu* feminino entre o povo Bijagós não faz cortes, mas sim tem outra forma de fazer sem passar por cortes. Por esta razão surgiu a minha inquietação em fazer uma análise a respeito dessa temática porque percebi que na sociedade guineense uma parte da população desconhece sobre essa cerimônia. Ao falar *fanadu* feminina, o “corte genital” é o mais conhecido pela maior parte da população. Este trabalho vai ajudar a população guineense a conhecer mais a cultura da etnia Bijagó, suas práticas e valores através da cerimônia de *fanadu*.

A outra razão que me motivou a pesquisar esta temática tem a ver com a minha vivência de perto a cerimônia de *fanadu* quando eu morava na ilha, que foi uma vivência boa, através da qual aprendi bastante durante os períodos em que ia passar férias com minha mãe que mora na ilha de Uno.³ Para mim é importante partilhar essa vivência única dos Bijagós desde os seus modos de vida e suas culturas.

Como disse, considero que este trabalho pode permitir que as pessoas conheçam os valores sociais, morais e culturais que caracterizam a cerimônia do *fanadu* dentro sociedade Bijagó. Além disso, conhecer também o modo de vida e a maneira como a cerimônia encaixa o indivíduo Bijagó na sociedade e cultura da sua comunidade tradicional, através do ensino e transmissão dos conhecimentos e valores passados dos mais velhos para os jovens através do *fanadu*.

Por fim, os resultados dessa pesquisa poderão servir de referência para futuros pesquisadores da UNILAB, assim como para pesquisadores e pesquisadoras e de outras universidades interessados/as na mesma temática, visto que ainda é difícil encontrar um volume considerável de trabalhos a respeito desse assunto.

³ Morei na Ilha de Uno desde o nascimento até os três anos de idade quando fui residir com minha tia na ilha *Bubaki* para estudar e retornava em todos os recessos escolares.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa parte do projeto procuraremos trabalhar com as referências correlacionadas com o tema de pesquisa, desta forma, pretendemos trazer discussão dos autores e autoras que investigaram sobre ritual de passagem, particularmente da cerimônia de *fanadu* feminino do povo Bijagó. Por outro lado, apresento alguns relatos de pessoas conhecedoras do ritual de *fanadu*, relativamente a ilha de Uno.

5.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE RITOS DE PASSAGEM

A vida individual ou de qualquer sociedade, consiste em passar continuamente de uma idade a outra, de uma fase para outra, assim como de uma ocupação a outra e esta passagem é acompanhada por atos especiais, que constituem aprendizagem para os nossos ofícios (GENNEP, 2011). Conforme diz Paliativos (2009), os ritos de passagem: “São celebrações que marcam mudanças na condição do indivíduo. As principais transições marcadas por esses ritos são: nascimento, entrada na idade adulta, casamento e morte” (PALIATIVOS, 2009, p. 312). Sendo assim, para o autor os ritos constituem um segmento de gestos que tendem a estabelecer uma conexão entre as realidades relativas do mundo consciente e completo ou imaterial do inconsciente coletivo (PALIATIVOS, 2009).

Na visão de Rodolpho (2004) os rituais concedem autoridade e legitimidade no sentido de estruturar e organizar as posições de certas pessoas na sociedade através dos valores morais e as visões de mundo. Para a autora, a iniciação é a forma sintética dos ritos de passagem, é um rito de formação que diferencia os participantes dos não-iniciados. Turner (1974), frisa que, segundo Van Gennep, os ritos de passagem acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social e idade.

Van Gennep mostrou que todos os ritos de passagem ou de transição se caracterizam por três fases: separação, margem ou (“limiar” em latim) e agregação. A primeira fase (de separação) abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo, quer de ponto fixo anterior na estrutura social, quer de condições culturais (um estado), ou ainda ambos. Durante o período “limiar” intermédio, as características do sujeito (o “transitante”) são ambíguas; passa através de um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum, dos atributos do passado ou do estado futuro. Na terceira fase (reagregação ou reincorporação), consoma-se a passagem. O sujeito ritual, seja ele individual ou coletivo, permanece num estado relativamente estável[...] comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões de uma posição social, num sistema de tais posições (TURNER, 1974, ps.,116-117).

Percebe-se que estas três fases acima citadas estão alinhadas uma à outra de forma que a primeira mostra o sentido de uma vida a ser deixado e o segundo sendo aquele momento de preparação para alcançar uma nova vida. Todas essas faces se encontram no rito de *fanadu*, a frente entenderemos melhor como elas são ligadas.

De acordo com Rodopho, “cada ritual é um manifesto contra a indeterminação”, através da repetição e da formalidade, elaboradas e determinadas pelos grupos sociais, os rituais demonstram a ordem e a promessa de continuidade destes mesmos grupos” (RODOPHO, 2004, p.139). No mesmo sentido, Pierano (apud Rodopho, 2004) define o ritual como um sistema cultural de comunicação simbólica, que é constituído de dar continuidade alinhados e combinados de palavras e atos, anunciados por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo caracterizados por grau de diversos costumes.

Os rituais, executados repetidamente, conhecidos ou identificáveis pelas pessoas, concedem uma certa segurança. Pela familiaridade com a(s) sequência(s) ritual(is), sabemos o que vai acontecer, celebramos nossa solidariedade, partilhamos sentimentos, enfim, temos uma sensação de coesão social. [...] “cada ritual é um manifesto contra a indeterminação”: através da repetição e da formalidade, elaboradas e determinadas pelos grupos sociais, os rituais demonstram a ordem e a promessa de continuidade destes mesmos grupos. (RODOPHO p.139, 140)

5.2 FANADU DI MINDJER/INICIAÇÃO FEMININA NA ETNIA BIJAGÓ

Na Guiné-Bissau o ritual como casamento, a iniciação (*fanadu*) são considerados ritos de passagem porque marcam mudanças na vida social e individual das pessoas. Um indivíduo que passou por esses ritos o status de vida muda, ele deixa a sua vida passada para viver uma nova vida, considerada como um renascimento.

Fanadu é uma expressão usada na língua crioulo guineense que refere-se às cerimônias, é realizada tanto para os rapazes quanto para as meninas, representa a passagem de uma fase para outra. Essa cerimônia é um costume de algumas etnias na Guiné-Bissau, sendo que cada uma tem a sua forma particular de realizá-la, tanto para mulheres e quanto para os homens, pois a Guiné-Bissau é um país onde existe uma grande diversidade cultural, configurada por mais de trintas grupo étnicos (ROSÁRIO, 2018). O *fanadu*, além de ser costume de diferentes etnias, é importante na construção social e cultural, uma vez que é sagrado para sociedade guineense.

É importante salientar que o *fanadu de mindjer* é muito mais conhecido na Guiné-Bissau quando refere ao “corte genitel” praticado por algumas etnias do país, principalmente a etnia Mandinga e Fula etc. Segundo Monteiro (2022) na Guiné-Bissau essa prática consiste na

retirada de uma parte de clitóris, é uma prática muito antiga que há muitos anos vem sendo praticada na sociedade pelas etnias acima citadas.

Nessas sociedades as meninas que não se submeteram a essa prática não são consideradas como adultos, uma menina adulta nessa sociedade é aquela que se submeteu a essa prática e passa a ser vista como responsável. A pessoa que não for mesmo sendo velha, não é considerada como adulto e muitas das vezes têm menos respeito em comparação às que são submetidas ao fanado (FERNANDES, 2016).

Do mesmo modo, Monteiro (2022) demonstra que o *fanadu* corte genital na sociedade Guineense é celebrado como um ritual de passagem de uma fase para outra fase, ela ocorre em todas as faixas etárias principalmente na puberdade, assinalando a mudança das meninas para a fase adulta.

[...] a passagem pelo ritual do fanadu também coloca os praticantes em um certo status na sociedade, status esse que coloca os praticantes numa posição mais respeitável pela comunidade, integração nessa sociedade, respeito, e entre outros tipos de privilégios. Algumas pessoas alegam que as mulheres que não passaram pelo processo de fanado não são vistas naquela sociedade como mulheres "pura e limpa" só se torna bem-vista pela comunidade uma menina que já passou pelo ritual (Monteiro, 2022, p.13).

Fernandes (2016) demonstra que em algumas sociedades guineenses, a prática é considerada como costumes e tradições desses povos, ao mesmo tempo essa prática é considerada para alguns grupos internacionais a combater essa prática nesse caso OMS e alguns organismos das Nações Unidas como uma grave complicação à saúde física e psicológica das mulheres, raras mortes e o da transmissão da SIDA (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida).

Em suma, percebe-se que existe diferença na forma de realizar *fanadu di Mindjer* da etnia Bijagó e das outras etnias como no caso de fulas e mandingas, os Bijagós não fazem cortes enquanto fulas e mandingas fazem cortes, muitas pessoas guineenses quando falam do fanadu de "mindjer" eles acham que é mutilação genital feminina, existem etnias na Guiné-Bissau que não fazem cortes e os Bijagós é uma delas.

De acordo com Carvalho e Madeira (2009), em seus estudos também entende o *fanadu* como uma cerimônia que marca a passagem de uma fase, de uma condição social para outra, sendo feita por etapas. Nele os mais jovens têm obrigação de levar os produtos como cana, tabaco, arroz, vinho de palma para oferecer aos mais velhos, este gesto é chamado de "pagamento dos grandes". O *fanadu* é um ritual importante para os bijagós, pois marca o reconhecimento do indivíduo pela comunidade, e permite às pessoas terem acesso aos principais segredos e conhecimentos a respeito da etnia Bijagó. Carvalho e Madeira (2009)

ênfatisam a importância de *fanadu* no contexto dos Bijagós, pois é através da passagem pelo *fanadu* que os indivíduos tanto homens quanto mulheres tornam-se Bijagó ao terem acesso aos principais segredos da etnia.

Fanadu é um conjunto de ritos, regras e cerimônia que marcam a entrada de crianças, jovens e adultos dentro de um grupo na vida social e cultural, sendo realizada há muitos anos e passada de geração a geração. Sendo assim, um dos objetivos dos ritos de iniciação do povo Bijagó é o da educação dos jovens. Para o povo Bijagó os pais são capazes de criar os filhos fisicamente, mas são incapazes de discipliná-los corretamente. São os mais velhos da *tabanca* ou aldeias que têm obrigação de levar os jovens para o **manrach** para serem iniciados nas tradições culturais da *tabanka* (SCANTAMBURLO, 1978).

De acordo com o relato de Joaquina C. Abussé⁴, a cerimônia da iniciação feminina (*fanadu*) foi pensada através da iniciação masculina. Os homens praticavam o *fanadu* e as mulheres não tinham um lugar específico para compartilharem seus segredos como mulheres e discutir sobre a educação das meninas e para se sentirem como um membro dessa sociedade. Por essa razão, a iniciação feminina foi pensada na construção de espaços para discutir as coisas femininas, para reeducação das meninas e ensinar como se tornar uma mulher madura na sociedade Bijagó.

O longo percurso das cerimônias das mulheres ajuda a dar-lhes um estatuto mais alto, pois para elas também não é suficiente o nascimento para se tornarem membros da sociedade[...] as mulheres através das cerimônias podem obter o mesmo estatuto social que o homem, o que poderia considerar-se a sua emancipação (SCANTAMBURLO, 1978, p.52).

Uma vez que o *fanadu* é considerado como um aspecto sociocultural, as meninas não desejam fazer parte desse ritual para serem aceitas como membro da comunidade, ou seja dessa sociedade.

Conforme Joaquina C. Abussé (entrevista, 14/05/2023), as meninas ou mulheres que não passaram por esse ritual são chamadas de *bulufu*, um termo de insulto no crioulo guineense que significa aquelas que não possuem educação, as que não conhecem as regras da etnia Bijagó. Além disso, são chamados de “*ka kusi udju*” (aquelas que não conhecem o falar dos olhos), porque não receberam os ensinamentos necessários para saberem algumas coisas da vida. Nota-se que as pessoas que não passaram por este ritual são consideradas as que não possuem *status*

⁴ Joaquina C. Abussé é minha e uma das principais referências para construção dessa proposta de pesquisa. A entrevista com ela foi realizada em 14/05/2023.

nessa sociedade. Além disso, Joaquina trouxe um relato muito relevante do ponto de vista dos Bijagós dessa ilha que segue abaixo:

Outros aspectos importantes para a pessoa passar por essa cerimônia são os últimos momentos do corpo (cadáver) da sua mãe, a pessoa que não foi iniciada não pode lavar a sua mãe se ela morrer e nem pode participar nas cerimônias, serão outras pessoas que vão fazer as suas funções. Quando uma mulher morre, a filha é responsável para fazer todas as cerimônias antes de ser enterrada, se a filha não conseguir participar dela é considerada uma vergonha para família (Joaquina, Entrevista, 14/05/2023).

Entende-se que essa cerimônia tem grande relevância para as mulheres bijagós, por isso é necessário passar por ela. Também é considerada uma tradição, costume e cultura para esse povo, portanto é necessário que todas as meninas dessa sociedade passem por esse processo ritual para se sentirem respeitadas como uma Bijagó de verdade e terem um *status* mais alto nessa sociedade. Entretanto, observamos que nos últimos anos alguns rituais das culturas tradicionais no contexto da Guiné-Bissau tem passado por questionamentos, especialmente pelas gerações mais novas e com isso gerado transformações na forma de realizar os rituais e transmitir os conhecimentos e valores neles contidos, e com o *fanadu* não é diferente, como veremos mais adiante.

5.3 O FANADU E FANADU DI MINDJER: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES

O *fanadu* surgiu na época que não tinham escolas, mas com a chegada das escolas na ilha de Uno mudou a forma de realizá-lo. Antes era realizado no período da seca entre os meses de março e abril, até o início de maio, quando acabava o tempo de permanência na mata. Após a chegada das escolas as coisas mudaram e as autoridades locais se reuniram com a população local e os representantes das escolas em busca de meios para que as meninas fossem iniciadas e pudessem estudar ao mesmo tempo. O acordo funcionou, e o *fanadu* passou a se realizar na época das chuvas (Joaquina, Entrevista, 14/05/ 2023). Sendo assim, percebe-se que o *fanadu*, ao longo do tempo, sofreu alterações e mudanças no período de realizá-la.

Outro aspecto relevante a ressaltar é a chegada das igrejas cristãs na ilha, principalmente as igrejas protestantes. Alguns adolescentes e jovens que vão à igreja são proibidos de fazer cerimônias por parte da igreja que condena essa prática. Esta tem sido uma das principais razões pelas quais algumas pessoas não participam dessa cerimônia e proibem as suas filhas de irem. (Joaquina, entrevista, 14/05/ 2023).

Dentro da etnia Bijagó entre ilhas existem diferenças na forma de realizar a cerimônia de *fanadu*. Em algumas ilhas que essa prática dura mais tempo para ser realizada e outras com menos tempo, dependendo da organização da ilha, como mostra Carvalho e Madeira:

A cerimônia do fanado deve, em princípio, ter lugar a cada 6 anos, mas atualmente, este espaço de tempo tem vindo a prolongar-se cada vez mais. A “*iniciação*” é muitas vezes organizada ao nível da “*tabanca*”, outras vezes da ilha. Normalmente, a duração da cerimônia é de três meses, mas pode prolongar-se até seis anos, como é o caso da ilha de Canhabaque (CARVALHO e MADEIRA, 2009, p.29).

Na ilha de Uno, locus da pesquisa, atualmente, a cerimônia de *fanadu* das mulheres e também dos homens ocorre num período de 10 em 10 anos (como dito anteriormente), com duração de um mês e meio ou dois meses nos locais da cerimônia, dependendo da organização de cada tabanca. Ele é feito nas Barracas para as mulheres e na Mata para os homens, marcadas por diferentes etapas, conforme o quadro a seguir:

Etapas de fanadu Bijagó	Homens	Mulheres
Canhocám (adolescentes)		
Cabaro (jovem)		
Canhevoque/fanadu (iniciação)		
Camabi (recém iniciado/a)		
Oboneh/lambé , (iniciador/a)		
Oconton (ancião/ã)		

Dentre as etapas que configuram o ritual de *fanadu*, as mulheres passam por 5 (cinco) delas e os homens por 6 (seis), conforme descrito no quadro acima. As mulheres não praticam **canhocám**. Segundo Scantamburlo (1978), **canhocám** é exclusivo dos rapazes adolescentes, começa na fase da puberdade e termina depois de seis anos, “(rapazes adolescentes dos 12 aos 17 anos de idade)”, tendo como a principal atividade dança. Essa etapa tem algumas semelhanças com a primeira etapa das meninas por terem quase as mesmas idades e, por outro lado, possuírem as mesmas características, tendo a atividade principal as danças.

De acordo com a entrevistada Joaquina C. Abussé (14/05/2023), **cabaro** é a etapa inicial da cerimônia feminina, a preparação para entrar no *fanadu*. Nela as meninas aprendem a dançar, criando músicas próprias de acordo com a dança escolhida, dançam de tabanca para tabanca acompanhados para visita ou se despedir dos parentes, amigos/as. Nessa etapa elas recebem bastantes presentes. Porém, fazem essas danças para se despedirem dos familiares, porque não sabem o que pode acontecer dentro da Barraca.

Na segunda etapa do *fanadu*, **Canhevoque**, as meninas são retiradas ou distanciadas dos familiares, parentes e da comunidade (dentro da tabanca) onde vivem para entrar no local de *fanadu* (*barraca de fanadu*, **manrach**), onde vão passar por processos de ensinamentos, aprendizados e reeducação. Além disso, existem coisas que acontecem dentro da Barraca que não podem ser reveladas fora desse espaço porque são sagradas. Se esses segredos forem revelados, a pessoa que revelou pode ficar doente e até morrer. Nessa etapa identifico liminaridade escrito por Victor Turner (1974): “As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial” (TURNER,1974, p.117). Entende-se que nessa segunda etapa **Canhevoque** as pessoas nessa posição são consideradas não saberem nada, vão renascer de novo ou vão se transformar em novas pessoas ao sair do local da cerimônia.

A etapa **Camabi** ou *fanadu nobu* “é quando as pessoas sairão do local de *fanadu*, a Barraca, consideradas como iniciadas, as pessoas renascidas, no sentido de que deixaram suas vidas passadas e começaram uma nova vida” (Joaquina C Abussé, entrevista,14/05/2023). Ainda segundo Joaquina, a etapa de **camabi** é considerada uma das mais importantes no processo de *fanadu*, porque é o momento em que a iniciada tem que mostrar ou pôr em prática tudo que aprendeu durante o tempo que passou na Barraca sagrada. A recém-iniciada não pode falar com os homens que ainda não foram ao **fanadu**, são proibidas de viver qualquer tipo de romance com homens durante esse período da *Camabindade*.

Além disso, após a saída das Barracas, as *camabés* se vestem de saias feitas de pó das árvores, amarrada na cintura e uma saia pequena atravessada no peito, amaram as contas nos joelhos, com corpo untado de óleo de palma (*Siti burmedju*), elas fazem cortes de cabelo da cabeça e pintam com lama vermelha (**édjedja**) e carvão preto. Também andam descalças, de cabeça empinada com as duas mãos para frente sempre na cintura para demonstrar respeito no momento de cumprimentar as pessoas.

Figura 1 - Álbum da família e retada pelo processo de *fanadu*, junto com minha prima



Fonte: Acervo familiar. Fotografia feita pelo marido da irmã da minha mãe, meu tio Albino Guerra (Uno, 2003).

Na quarta etapa **Oboné** ou *lambé de fanadu* é quando a pessoa que já passou pela iniciação e se torna iniciadora, considerados os passos finais da cerimônia, o momento em que precisa iniciar outras pessoas e se tornar uma educadora. (Joaquina, entrevista, 14/05/2023).

A última etapa, **Ocontó** é quando a pessoa já terminou as suas cerimônias. De acordo com Madeira e Carvalho (2009), o **Ocontó** “é o guardião do conhecimento e das regras socioculturais tradicionais, recebendo ofertas dos mais jovens” (p.31). Essas pessoas são consideradas como guardiãs dos conhecimentos, à espera de receber as contribuições de parte das que estão fazendo a cerimônia, *paga garandesa* (pagar os grandes).

6 METODOLOGIA

A metodologia é um conjunto de procedimentos que adotamos para buscar investigar um determinado tema, assuntos ou questões para alcançar os objetivos desejados. Segundo Prodanov e De Freitas (2013), metodologia consiste em examinar, descrever e avaliar métodos e técnicas de pesquisa que facilitam a coleta e processamento de informações, visando ao

encaminhamento e à resolução de problemas e/ou questões de investigação. Esses procedimentos devem ser analisados para construção do conhecimento com a intenção de comprovar a sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade.

O presente projeto será desenvolvido futuramente na Licenciatura de Ciências Sociais e o método escolhido para a realização desse trabalho, assim como para dar continuidade futuramente, é o método descritivo e exploratório, pois mostra-se melhor para alcançar os objetivos pretendidos.

Para desenvolvimento da pesquisa assumirei uma abordagem qualitativa, que se propõe trazer elementos da realidade através das experiências, das subjetividades, dos significados e dos sentimentos que as pessoas atribuem, no caso do nosso tema sobre o *fanadu* e, em particular o *Fanadu di Mindjer*. De acordo com Proetti (2018), a pesquisa qualitativa não visa a quantificação, mas sim o encaminhamento para desenvolvimento de estudos que buscam respostas que possibilitem entender, explicar e interpretar fatos, pois permite ao pesquisador(a) ter contato direto e interativo com o universo de estudo.

Para o desenvolvimento do trabalho, primeiro farei um minucioso levantamento, leitura e análise bibliográfica e de dados para aprofundar o conhecimento dos estudos sobre rituais, rituais de passagem e sobre as experiências do *fanadu* dos bijagós e outras etnias da Guiné-Bissau, também aprofundar sobre o ritual em alguns países da África. Segundo, serão coletados/produzidos dados/informações através das entrevistas semi-estruturadas. Estas entrevistas serão realizadas à distância a partir de um roteiro enviado previamente às mulheres. As entrevistas serão realizadas com mulheres bijagós de diferentes faixas etárias e gerações, diferentes níveis de escolaridade, sem ter em conta se são alfabetizadas ou não alfabetizadas, o que importante são as suas experiências sobre o ritual de *fanadu*. Para garantir uma melhor cobertura e aproveitamento na realização das entrevistas contarei com o auxílio, em Uno e Bissau, do meu primo Juvêncio R. Guerra e meu irmão Binômio F. Enhapam, que ajudaram e vão continuar a auxiliar nesse processo.

Com a entrevista procurarei entender valores sociais, morais e culturais da cerimônia de fanado do povo Bijagó. Sendo assim, vale ressaltar que a entrevista é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo, por meio dela os pesquisadores e pesquisadoras buscam obter informações de um determinado assunto. Segundo Rodrigues (2006), “a entrevista é a técnica utilizada pelo pesquisador para obter informações a partir de uma conversa orientada com o entrevistado e deve atender um objetivo predeterminado” (RODRIGUES, 2006, p. 93). No mesmo sentido, Boni e Quaresma (2005), demonstram que através da entrevista o pesquisador(a) pode conseguir informações que não seriam possíveis somente através da

REFERÊNCIAS

ABUSSÉ, Joaquina C. **Entrevista**. Ilha de Uno, Guiné-Bissau, Maio de 2023.

BACURIM, Felisberto Júnior Pedro. **A caminho de Unhocomo: um estado sobre cosmologia Bijagó e a relação da vida com a morte**. Trabalho de Conclusão de Curso em Humanidades, UNILAB, São Francisco do conde, 2018.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Em tese, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

CARVALHO, João Paulo e MADEIRA, Branco. **A Gestão do Espaço e da Propriedade Tradicional no Arquipélago dos Bijagós**. Universidade Técnica de Lisboa /Lisboa.2009.

FERNANDES, Elisio Julio. **Mutilação genital feminina na Guiné-Bissau como uma prática que viola os Direitos Humanos**. Trabalho de Conclusão de Curso em Humanidades, UNILAB, Ceará Redenção, 2016.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.
Manual de cuidados paliativos / Academia Nacional de Cuidados Paliativos- Rio de Janeiro: Diagraphic, 2009. 320p.

MONTEIRO, Nadesda Augusto. **Fanadu das mulheres na Guiné-Bissau: uma discussão sobre ritos de passagem e sexualidade feminina**. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

PROETTI, Sidney. **As pesquisas qualitativas e quantitativas como métodos de investigação científica: Um estudo comparativo e objetivo**. *Revista Lumen-ISSN: 2447-8717* , v. 2, n. 4, 2018.

RODRIGUES, A. J. **Metodologia Científica**. São Paulo: Avercamp, 2006.

RODOLPHO, Adriane Luisa. **Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica**. Estudos teológicos, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.

ROSÁRIO, Flávio. **Usos e costumes da etnia Bijagó e as suas relações com dufuntus**. Trabalho de Conclusão de Curso em Humanidades, UNILAB, São Francisco do conde, 2018.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Etnologia dos Bijagós da ilha de Bubaque**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, Bissau, 1978.

[«Trilhas Ecoturísticas „Arquipelagos dos Bijagos»](#). IBAP ,Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas. 2018. Consultado em 21 de maio de 2018. Arquivado do [original](#) em 22 de maio de 2018

TURNER, Victor W. **O processo ritual; estrutura e antiestrutura**. Tradução de Nancy Campri de Castro. Petrópolis, Vozes LTDA, 1974.

APÊNDICE

Roteiro preliminar de entrevista

1. O que significa *fanadu* e como surgiu na sociedade bijagó?
2. Como é feita a cerimônia de iniciação? Descreva
3. Qual é a sua importância dentro da sociedade Bijagó?
4. Quais são as fases etárias que uma pessoa deve ter para participar da cerimônia?
5. O que acontece com uma mulher que não passou pela cerimônia de *fanadu*?
6. Como elas são identificadas e tratadas na sociedade bijagó?
7. Em que período do ano e mês costuma acontecer a cerimônia de *fanadu*?
8. Existe um lugar específico para realização dessa cerimônia?